



A ciência no programa Fantástico: uma análise de discurso¹

Daniella Rubbo (Unifae e Isca Faculdades)²

Resumo

Esse trabalho visa elaborar uma análise crítica do discurso sobre o conteúdo relacionado à ciência presente no programa Fantástico de televisão, buscando detectar marcas que indiquem a intencionalidade do discurso, tanto de cientistas como de comunicadores, bem como discrepâncias entre a intenção e a comunicação efetivamente realizada.

Dentro desse marco, o trabalho identifica o programa como enunciador de um discurso que se tece a partir das múltiplas vozes.

Palavras-chave

Comunicação; Análise do discurso; linguagem televisiva; divulgação científica; alfabetização científica.

Introdução

Esse trabalho se propõe a estudar, sob a ótica da análise crítica do discurso, o tratamento dado ao conteúdo relacionado à ciência na televisão brasileira, mais especificamente no semanário Fantástico, produzido e transmitido pela rede Globo de televisão.

Fruto de uma pesquisa mais ampla, que fundamentou a dissertação de mestrado da autora, seu objetivo é identificar alguns aspectos relevantes do discurso da divulgação científica na televisão, que se divide entre o interesse por divulgar ciência e os apelos pela manutenção da audiência.

Marcada pelo signo do espetáculo, que lhe valeu o codinome de circo eletrônico, a televisão tende a buscar, antes de tudo, bons índices de audiência. Segundo SIQUEIRA (1999, p.52), “Trabalhando com discursos textuais e imagéticos, a televisão veicula uma programação com forte aspecto espetacularizado. Essa estratégia, que visa aglutinar os múltiplos segmentos da audiência, atingiu os diversos tipos de programa, inclusive os telejornalísticos”.

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica.

² Bacharel em comunicação social - Rádio e TV – pela Unimep, mestre em comunicação pela UMESP, professora dos departamentos de comunicação social do UNIFAE – São João da Boa Vista - e Isca Faculdades - Limeira.



Dentro desse marco, a divulgação da ciência ganha aspectos delicados, em primeiro lugar porque a informação sobre ciência ainda é considerada como pouco atrativa pelos produtores de televisão daí, como lembra SIQUEIRA (1999, p.53), a tendência de exibir programas específicos sobre ciência em horários alternativos, com poucos ‘riscos comerciais’. Entretanto, isso não impede que temas relacionados à ciência apareçam ao longo da programação, porém, nesse caso, são tratadas como curiosidade (SIQUEIRA, 1999).

A opção de analisar aspectos da divulgação científica através do programa Fantástico justifica-se por diversos fatores: trata-se de um dos mais antigos da televisão brasileira, que ainda conta com a grande audiência e respeito do telespectador; é um dos poucos programas da TV aberta com interesse explícito pela divulgação da científica, interesse expresso desde a exibição do primeiro programa, em agosto de 1973.

Contudo, esse trabalho busca verificar até que ponto esse grande interesse pelas questões relacionadas à ciência contribui efetivamente para popularizar o conhecimento científico que vem sendo gerado.

Para tanto, apóia-se na análise crítica do discurso, a fim de detectar, tanto na fala quanto no tratamento editorial dado às matérias científicas, aspectos que permitam verificar em que medida as reportagens contribuem efetivamente para a divulgação científica e, por outro lado, quanto podem contribuir para sua mitificação, já que falar sobre um assunto nem sempre é esclarecer sobre ele. Manchetes espetaculares, abordagens que tendem a procurar respostas prontas para antigas indagações, apenas contribuem para reforçar aquilo que os cientistas, em tese, tentam superar.

Para um leigo, as palavras de um físico podem não estar muito distantes das palavras de um místico. Daí a importância do discurso da divulgação científica que, segundo o tratamento que recebe, pode produzir efeitos contrários aos desejados. Pode estimular mais a crença que o pensamento crítico, promover mais a mitificação do que a popularização da ciência.

Cabe salientar, porém, que o discurso do cientista, ao contrário de sua pretendida neutralidade, também é permeado por condições de produção e intenções de seus autores. SANTOS (2003, p.9) defende que “todo conhecimento científico é socialmente construído, que seu rigor tem limites inultrapassáveis e que sua objetividade não implica em sua neutralidade”.



Metodologia

A opção de elaborar uma pesquisa baseada na análise de discurso implica na execução de um recorte teórico cuidadoso, já que sobre esse título se inscrevem vários enfoques e tradições teóricas distintas. “Análise de discurso é o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes tradições teóricas e diversos tratamentos em diferentes disciplinas” (GILL, 2002, p. 244).

Dentro desse marco amplo, a opção foi por trabalhar fundamentalmente com a análise de discurso francesa que “Define os discursos como práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também são partes constitutivas daquele contexto (...) e cujas implicações político-ideológicas procuravam desvelar, de um ponto de vista crítico” (PINTO, 1999 p. 17).

Essa linha de análise de discurso está, por um lado, relacionada com a lingüística e, por outro, com “a função das ideologias como constitutivas da produção/reprodução dos sentidos sociais, por força dos aparelhos ideológicos, desenvolvida por Louis Althusser” (PINTO, 1999, 17), ou seja, está vinculada a uma tradição fundamentalmente marxista.

Assim, parte-se do pressuposto de que a análise de discurso parte de “produtos culturais empíricos produzidos por eventos comunicacionais entendidos como textos (...) é necessário que o analista dê uma atenção especial à ‘textura’ dos textos, quer quanto ao uso da linguagem verbal, quer quanto ao uso de outras semióticas” (PINTO, 1999, p.22).

A análise do discurso não se dá, portanto, do ponto de vista simbólico ou icônico, é uma análise indicial, não se interessa pela interpretação do conteúdo, preocupa-se mais com o ‘como’ e o ‘porquê’ se diz ou mostra algo. “(...) a ela interessa explicar os modos de dizer (uso comunicacional da linguagem e de outras semióticas) exibidos pelos textos” (PINTO, 1999, p. 23).

Teorias que se limitam a descrever as estruturas internas das frases não lhe oferecem embasamento apropriado, tal embasamento é obtido em teorias que conceituam o uso da linguagem em contextos. Essa opção metodológica evidencia que, para esse estudo, nenhum discurso, nem mesmo o científico, é desprovido de intenção.

A própria definição dos cientistas do que seja ciência pode ser paradoxal. BURKETT, citando um estudo realizado em 1972 por Dietrich Schoroer, lista pelo menos cinco definições de ciência:

- “A ciência é o controle da natureza”;
- “A ciência estuda o mundo material”.
- “A ciência é o conhecimento público”.
- “A ciência é método experimental”.
- “A ciência consiste em deduções lógicas de muitas observações”.

(BURKETT, p. 06-07, 1990)

Nenhuma dessas definições é suficiente para conter toda a gama de atividades chamadas consensualmente de ciência, nem mesmo a das chamadas ciências puras. No caso da primeira definição, por exemplo, ficam excluídas as pesquisas na área da cosmologia já que, estudar o cosmos não implica em controlá-lo. Ou seja, a própria concepção que o pesquisador tenha de ciência já será um fator fundamental para o desenvolvimento de seu trabalho. Um cientista que conceba ciência como conhecimento público dificilmente se dedicará a pesquisas que sejam realizadas e tenham seus resultados aplicados em sigilo, seja com fins militares, mercadológicos ou outro motivo qualquer.

Sendo assim, é fundamental considerar a intenção, marcada pela ideologia, presente no discurso tanto do cientista como do produtor das matérias do programa Fantástico. Sem esquecer ainda que essas intenções não são, necessariamente, as mesmas, já que o discurso é constituído por múltiplas vozes que se unem na mensagem final, veiculada todos os domingos.

A pesquisa que da qual se extrai esse artigo, baseou-se em uma análise criteriosa do programa Fantástico, realizada ao longo de 2003, para selecionar as matérias relacionadas a ciências.

Todas as matérias das editorias Ciência e Saúde foram consideradas nesse estudo. Entretanto, como salienta OLIVEIRA (2002, p.47),

(...) ao contrário do que muitos pensam, o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos específicos de C&T, mas o conhecimento científico pode ser utilizado para melhor compreender qualquer aspecto, fato ou acontecimento de interesse jornalístico. Assim, a informação científica pode estar presente em qualquer editoria: geral, de política, de economia e até de polícia e de esportes.



Por isso, todas as matérias de outras editorias foram submetidas a uma análise que determinou se eram ou não pertinentes ao trabalho. Essa análise se baseou em quatro perguntas:

- Cientistas participam da matéria?
- Cientistas são expressamente citados na matéria?
- Dados científicos são expressamente citados na matéria?
- Instituições de pesquisa são expressamente citadas na matéria?

Caso pelo menos uma das respostas fosse positiva, a matéria foi considerada de interesse para esse estudo.

Entretanto, a análise do discurso não trabalha necessariamente com amostras, já que é possível buscar em todo e qualquer texto seus elementos constituintes e as intenções nele implícitas. Desse modo, para os fins desse artigo, foram selecionados fragmentos particularmente representativos da relação do programa com a divulgação da ciência.

Ciência no Fantástico: uma relação mais amistosa do que se imagina

O programa Fantástico mantém, ao longo de suas três décadas de exibição, duas características que ajudam a constituir a identidade do programa, são elas a presença dos apresentadores relativamente fixos e a existência implícita de uma linha editorial. Porém essas características não ocultam, nem mesmo para telespectadores menos atentos, a multiplicidade de vozes presentes no programa.

Ainda assim, é possível identificar alguns padrões no discurso do *Fantástico*. Padrões que eventualmente se contradizem, mas cujas contradições não implicam em sua invalidação. Já que seria impossível encontrar cem por cento de coerência em qualquer discurso, menos ainda em um discurso construído de forma tão fragmentada, com tantos autores e, principalmente, influenciado por tão grande quantidade de fatores externos.

O principal desses padrões é a consonância com o discurso científico. Embora o estudo tenha identificado alguns momentos em que o programa se afasta e até contesta o discurso científico, na maioria das matérias examinadas, o discurso do programa está completamente de acordo com a informação científica.

No universo das matérias que apresentam clara consonância com o discurso científico foi possível identificar quatro formas de inserção da informação: a ciência

para *explicar*, a ciência para *aconselhar*, a ciência para *provar* e a ciência como *investigação*.

Dentro dessa classificação, a maior incidência recai sobre matérias que apresentam a ciência como uma forma de explicação. Um bom exemplo disso é a matéria *Minha Nossa Senhora*, que procura explicar a suposta aparição espontânea de imagens de santos em diferentes superfícies, a partir do ponto de vista psicológico.

A matéria começa com a opinião de pessoas sobre o aparecimento das supostas imagens de santos. Alguns acreditam tratar-se de milagre, outros vêem a imagem, mas sem reações mais emocionais. Um rapaz chega a sugerir que possa ser umidade.

Essas participações, costuradas pela narração que indica de que lugar fala cada pessoa, culminam com a fala do repórter, que direciona a matéria para seu tema central, os aspectos psicológicos envolvidos na questão: *“Você viu a mesma coisa? E não caiu de joelhos em oração? Talvez você não esteja abraçando o inconsciente coletivo”*.

Em seguida, um professor de história das religiões é convocado para explicar que certas figuras, nesse caso a da grande mãe protetora, faz parte do inconsciente coletivo e que vêm à tona em momentos de crise. Complementando essa fala, aparece um psiquiatra explicando que, sentindo-se desprotegidas, as pessoas sentem necessidade de uma proteção superior.

Toda matéria segue com explicações de como funciona a visão humana e de quanto ela implica em interpretação. Em seguida, para comprovar o que fora dito, aparece uma espécie de teste, com pessoas dizendo com o que se parece o Morro do Careca, em Natal.

Finalmente, o encerramento da matéria foge um pouco do aspecto explicativo da ciência e passa a dar conselhos.

É curioso notar que o tom de aconselhamento é dado por uma fala do repórter, quando diz *“mas vale o alerta”*, ou seja, é o comunicador quem chama a ciência a cumprir um papel de conselheira. Só após essa intervenção aparece o psiquiatra dizendo: *“Em determinadas pessoas, elas podem estar no limite de qualidade de saúde mental, por exemplo, e que um elemento desse pode desencadear um surto místico nela”*.

Essa intervenção é uma característica importante na constituição do discurso do programa, a edição. Não fosse o recorte e a introdução do repórter, a fala do psiquiatra manteria apenas o caráter explicativo que tinha até então.

As matérias que têm como objetivo aconselhar são as de segunda maior incidência e podem ser exemplificadas pela matéria *Bronzeamento artificial sob controle*, que trata do controle dessa prática imposto pela Vigilância Sanitária.

Sob a rubrica *Estação Verão*, apresentada com uma vinheta muito colorida, a matéria tem muitos elementos que a caracterizam como prestadora de serviço. O primeiro deles é alertar, já no começo da temporada – a matéria foi exibida em novembro – sobre os riscos de excessos no verão. O uso da vinheta sugere que matérias similares continuarão a ser exibidas ao longo da estação.

Nessa matéria os conselhos não são apresentados de forma explícita e o discurso tem caráter aparentemente informativo, na acepção de MARQUES DE MELO (1994), apresentando a informação como uma nova ocorrência captada pela equipe de produção. Assim, o mote não é exatamente o trabalho médico sobre as conseqüências do bronzeamento artificial, mas as providências que as autoridades vêm tomando a esse respeito. Desse modo, o conselho não aparece de forma direta, com um médico dirigindo-se ao telespectador para dizer que ele não deve se submeter ao tratamento, mas sim através do alerta sobre os riscos do tratamento, que levaram as ações das autoridades sanitárias.

O aspecto mais interessante da matéria é o contraponto entre a fala de uma pessoa que se submete ao bronzeamento e um médico. Ela diz: “*Eu descobri que em 15 minutos você fica com um bronzeado, um dourado bonito. Nunca me fez mal, tô aqui há dois anos, tô numa boa*”. Em resposta o médico declara: “*Esse câncer de pele não vai surgir imediatamente após o bronzeamento artificial, nem após algumas seções ou após o primeiro ano do bronzeamento. E sim ele irá aparecer na pele dessas pessoas após quatro, cinco ou às vezes dez anos*”. Essas duas intervenções colocam em relevo a confrontação entre o senso comum, expresso na fala da mulher, que vê o resultado imediato, e o pensamento científico, que não vê os sinais imediatos e tenta encontrar relações de causa e conseqüência, mesmo que em longo prazo.

Por fim, o apresentador conclui a matéria com a exclamação “*Viva o verão saudável*”, que demonstra que o programa concorda com os conselhos oferecidos pelos especialistas e exorta o público a segui-los.

Um dos possíveis motivos da utilização da informação científica no programa *Fantástico* é como prova científica e, portanto, irrefutável de algum fato. Matérias que seguiram essa vertente não foram muito freqüentes, apenas duas num universo de quarenta e quatro selecionadas.

Uma delas é *As fitas que podem incriminar Belo*, na qual são apresentadas gravações de uma conversa entre o traficante Vado e uma segunda pessoa, o cantor Belo segundo a polícia. Ao longo de toda a reportagem são usadas expressões que indicam dúvida com relação à identidade dessa segunda pessoa – “*um homem que seria Belo*”, “*o homem que a polícia afirma ser Belo*”.

A matéria termina com a informação de que as fitas serão analisadas pela Unicamp, dando a entender que, embora todos estejam reconhecendo aquela voz e a polícia tenha afirmado que se trata do cantor, a única prova incontestável será a fornecida pela instituição científica. Ou seja, aqui a contraposição entre ciência e senso comum fica mais clara, com evidente primazia da primeira sobre o segundo, na medida em que o telespectador deve relevar as evidências que observa e só poderá assegurar que se trata do cantor depois que a ciência o fizer.

Evidentemente esse procedimento é de cunho ético e faz parte do exercício do jornalismo. Porém demonstra uma característica da percepção da sociedade sobre ciência, a de que se trata de uma prática infalível e incontestável. Contudo, é importante lembrar que laudos da própria Unicamp já foram motivo de controvérsia. Caso notório foi o laudo do legista Fortunato Badan Palhares sobre a morte de Paulo César Farias (RODRIGUES, 2002).

Assim, é importante que o jornalista, diante de temas científicos, continue a exercer seu direito da dúvida (CALDAS, 1998, p.214) contribuindo, assim, para que a própria sociedade exercite esse direito e possa participar de maneira mais intensa nas decisões políticas relacionadas à ciência e à tecnologia.

Vale esclarecer que a análise da Unicamp confirmou que a voz da gravação era de fato a do cantor Belo, tal qual indicara a polícia.

Em algumas matérias a informação científica aparece por si própria, como um dado novo sobre determinado fenômeno e que têm origem em pesquisas científicas. Sendo assim, essas matérias estão mais claramente relacionadas com a divulgação científica. Muito embora essa questão seja mais complexa do que a de apenas apresentar novos dados obtidos pelos pesquisadores.

Um exemplo desse tipo de matéria é *O sonho da maternidade*, que apresenta uma pesquisa sobre as condições psicológicas de casais que tentam, mas não conseguem ter filhos biológicos.

Essa reportagem mostra de maneira bem nítida alguns recursos comuns do programa, principalmente no sentido de captar a atenção da audiência. Por essa vertente,

três aspectos são importantes: a pauta sobre a dificuldade de ter filhos coincidindo com o dia das mães, a presença de Suzana Werner, uma personalidade famosa, grávida de 3 meses, e o uso da história de um casal que participou da pesquisa.

A participação de Suzana Werner, que faz a cabeça da matéria com Pedro Bial, reforça o interesse inicial do telespectador, mesmo que seja apenas pela menção da vida pessoal da personagem famosa, que sempre gera curiosidade, a se notar pelas tiragens das revistas dedicadas a cobrir a vida de celebridades.

Em sua intervenção, após breves comentários sobre sua própria gravidez, Suzana Werner, diz: *“A maternidade é um sonho de todas as mulheres e que e de todos os homens papais também, né Pedro”*. Essa fala, além de seguir o tom do programa, todo marcado por homenagens um tanto quanto idealizadas sobre a maternidade, introduz ao objetivo central da reportagem, a dificuldade de ter filhos. Um sonho não é uma realização fácil, é por definição algo que precisa ser conquistado, realizado. Por isso, embora o sonho da maternidade tenha sido estendido a todos, até aos homens, a reportagem abordará aquelas pessoas para às quais realmente trata-se de um sonho, e não apenas mais uma etapa da vida. Pessoas que querem, mas não conseguem ter filhos.

É após essa introdução bem informal, como uma conversa na sala de estar, que Susana Werner apresenta de fato a reportagem: *“E uma pesquisa inédita mostra as dificuldades que muitos casais enfrentam para realizar esse sonho”*.

Já a pauta coincidindo com o dia das mães funciona como um reforço dos aspectos emocionais que a matéria ganha com a participação do casal que não pode ter filhos. Humanizar o relato é uma das técnicas indicadas por CURADO (2002, p.126) para a elaboração de um bom texto jornalístico para a televisão.

Aqui é importante lembrar a reflexão que SANTOS (2003) faz sobre os elementos não cognitivos da retórica científica, elementos que apesar de todos os esforços na busca da objetividade, nunca foram completamente banidos do discurso da ciência. Assim, SANTOS (1990, p. 117) se remete a Aristóteles para explicar que *“a demonstração convincente, enquanto geradora de persuasão, é secundada pelo elemento emocional, a dimensão psicológica da retórica”*. Considerando-se que o discurso científico tem como objetivo final, como demonstrado por CORACINI (1991), a persuasão, os aspectos emocionais não podem ser desconsiderados nessa modalidade de discurso.

Dessa maneira, ao humanizar os resultados da ciência, apresentando pessoas que os personificam, o *Fantástico* está usando de maneira mais explícita um recurso que válido até mesmo dentro dos padrões rígidos do discurso científico.

A demonstração dos efeitos desse esforço pela humanização da informação científica aparece em uma fala do repórter, sobre uma das constatações da pesquisa:

“Para um casal que já enfrenta as dificuldades para ter filhos, às vezes a cobrança que vem de fora acaba complicando ainda mais a situação. Um dos maiores incômodos apontados por quem participou da pesquisa é aquela velha pergunta dos amigos e parentes: ‘E aí, vocês não vão ter filhos?’”.

Embora não se verifique aqui a utilização de vocabulário técnico, a informação apresentada nesse momento é generalizadora, como costuma acontecer com a informação científica. O repórter esclarece que as respostas são do grupo de pessoas que participou do estudo, mas um casal pode ser qualquer casal que reúna os requisitos apontados anteriormente. A pergunta que incomoda também é muito comum e poderia ser formulada por qualquer um dos telespectadores.

Essa generalização, por um lado, pode facilitar a identificação do telespectador com algum dos papéis apresentados, porém também pode diminuir a percepção da seriedade do problema, afinal, trata-se de uma questão corriqueira. A intervenção de uma das participantes da pesquisa evita essa segunda possibilidade e dá um colorido completamente diferente à fala anterior do repórter.

Num corte direto depois da intervenção do repórter, a entrevistada declara, com a voz embargada: *“Até quando eu toco nesse assunto, eu me emociono”*. Nesse momento o enquadramento passa, com um zoom, de um plano médio a um close do rosto da entrevistada, enquanto o repórter, em silêncio, espera que ela se recomponha para continuar a perguntar.

Aqui, o choro mais ou menos contido e valorizado pelo movimento de câmera interfere decisivamente tanto na fala da entrevistada como na participação anterior do repórter. O choro serve como prova emocional do que ambos disseram e personifica um problema, até então, genérico e, por isso, distante.

Outro aspecto interessante da reportagem é como a linguagem jornalística se apropria de algumas particularidades da linguagem científica, numa clara aproximação desses dois discursos no âmbito da divulgação da ciência.



Os resultados da pesquisa são apresentados quase que como numa comunicação científica. Essa característica já é perceptível analisando apenas a fala - áudio - do repórter, que durante toda a reportagem utiliza a linguagem típica do jornalismo, com frases mais ou menos longas, mas sempre completas, como aconselha CURADO (2002, p.127). A certa altura, contudo, essa conduta é abandonada e o repórter insere uma espécie de subtítulo em sua locução, quando, ao contrário do que se recomenda na linguagem para televisão, diz: “*O objetivo: avaliar as condições psicológicas de quem tenta e não consegue engravidar*”.

Nesse trecho, por tratar-se de uma reportagem televisiva, chama a atenção a omissão do verbo ser, substituído, na transcrição, pelo uso de dois pontos. Porém, analisando a fala toda, com suas pausas e entonações, esse trecho ainda pode ser considerado como uma frase completa.

Logo a seguir, o repórter reutiliza o recurso, dizendo: “*As conclusões*”. Agora tanto a natureza do complemento da frase, uma série de diversos itens, como as pausas e entonações, impedem que esse trecho seja percebido como parte do texto posterior. Assim, ele soa como um subtítulo, como uma quebra na fluidez da fala.

A forma como o texto do programa se estrutura para apresentar a pesquisa empresta elementos da estrutura do texto científico. *Objetivos* e *conclusões* são partes essenciais de qualquer estudo e parte do paradigma da ciência moderno.

Essa aproximação com a linguagem da ciência fica ainda mais evidente ao se ultrapassar os limites da oralidade e passar a estudar as palavras em conjunto com as imagens. Ao apresentar os objetivos, quando a linguagem utilizada ainda está dentro dos parâmetros jornalísticos, as imagens são de pessoas que participam da pesquisa e dos cientistas que a conduzem. Quando a linguagem dá uma guinada mais forte na direção da linguagem científica – o uso do subtítulo – as imagens são substituídas por caracteres que apresentam por escrito as conclusões, com exatamente as mesmas palavras que o repórter utiliza, numa flagrante redundância. As conclusões possuem três itens, são apresentadas por escrito como tópicos e narradas da mesma forma pelo repórter.

Um raro momento de atrito

O *Fantástico* tende a apresentar a informação científica não apenas como correta, mas em geral como a única correta a respeito de um determinado assunto, assumindo um pressuposto adotado pela própria ciência, particularmente pelo

positivismo lógico, que concebe a si própria como “o aparelho privilegiado da representação do mundo” (SANTOS, 1990, p.22).

Contudo, em alguns poucos casos, o discurso do programa foi outro, não só por oferecer alternativas ou permitir a dúvida em relação à informação científica, mas também por confrontá-las.

Para que o panorama da ciência no programa fique completo, é preciso exemplificar esses momentos de tensão, ainda que tenham sido raros. Para isso, foi selecionada a matéria *Milagre nos Estados Unidos*, que conta a história de um garoto que, vítima de congelamento, passou três horas sem sinais vitais, mas acabou sendo reanimado pelos médicos e sobreviveu sem nenhuma seqüela.

O começo da matéria se dedica a contextualizar a vida da família para, em seguida, passar à reconstituição dos fatos. Nesse ponto verifica-se a tendência de um esforço para evidenciar ao máximo o drama da situação, dando-lhe colorido com informações que simplesmente não podem ser comprovadas, uma vez que se referem ao período em que o menino ficou sozinho.

Assim, para explicar como o menino sofreu a hipotermia o repórter diz: “Paulie saiu no meio da noite. Havia neve por toda parte. A temperatura era de menos 23°. Paulie caminhou na neve. Estava escuro e ele se perdeu. Foi ficando cansado, com muito frio e não sabia como voltar pra casa”. As frases curtas e em voz ativa parecem seguir os conselhos de MCLEISH (2001, p.63) que as recomenda para o texto radiofônico porque “sentenças curtas são mais fáceis de ler e entender” e evitam a complexidade de orações relativas.

Não é apenas a construção do texto que enfatiza a dramaticidade da situação, mas a própria inclusão de inferências que passam por constatações, como se o repórter fosse o onisciente narrador de um livro escrito em terceira pessoa. Evidentemente é possível deduzir que o menino se perdeu, que se cansou, mas a descrição feita parece colocar o repórter como espectador desses fatos.

Logo em seguida a mãe do garoto diz: “*Ele se sentou na neve, lutou contra o frio, se debateu. Marc entrou em casa carregando o corpo do nosso filho*”. Sua fala também parece ser sobre fatos verificados, mas como seria possível que ela soubesse que o menino se sentou, por exemplo. Assim toda a descrição dos fatos ganha aspectos de ficção, não porque os fatos apresentados sejam inventados, mas pelos recursos utilizados para dar-lhe mais emoção. O programa opta também por mostrar algumas



cenar de reconstituição dos fatos o que acaba por aumentar a impressão de teatralidade já que, ainda que os fatos reconstituídos sejam verdadeiros, as imagens são simuladas.

Ao descrever o resgate, a reportagem enfatiza que o garoto estava morto, assim, ainda na fala anterior, a mãe não diz que o pai entrou carregando o filho, mas sim *carregando o corpo do nosso filho*. Pouco mais adiante o repórter diz: “*o coração de Paulie tinha parado de bater, ele não respirava mais*”, mais uma vez afirmando a morte do garoto. Finalmente é acionado um médico que declara que “*Ele não tinha mais nenhum sinal de vida*”.

Foram três afirmativas enfáticas de que o garoto havia morrido e, ainda em tom de reconstituição, o repórter declara que “*Não havia mais nada a fazer*” pois “*Paulie estava morto há mais de três horas*”. É importante notar que aqui não há alusões à morte, mas a afirmação direta de que ela ocorrera. Ou seja, a partir desse ponto a questão deixa de ser a sobrevivência do garoto e passa a ser sua ressurreição. Além disso, o repórter é enfático ao dizer que não havia mais nada a fazer e não explica porque, mesmo assim, os médicos tentaram um último procedimento, uma operação que fazia com que o sangue passasse por uma máquina que o aquecia para em seguida devolvê-lo ao corpo.

O fato de que o hospital possuía esse equipamento e o utilizou, já negam a afirmação de que não havia mais nada a fazer. Mas é importante notar que a matéria omite ao máximo a existência desses recursos, ele só é citado vagamente para descrever a ação dos médicos, mas não se especifica o que a tal máquina faz, nem em quais situações é utilizada. Como se pode notar, enquanto enfatiza a dramaticidade, a reportagem omite dados que poderiam levar a outra interpretação dos fatos.

A matéria acaba de maneira muito significativa, com a seguinte fala do repórter:

“A ciência estava errada. Um ano depois Paulie é uma criança saudável, alegre, falante e cheia de energia. O pai diz que não sabe até onde foi resultado da medicina, até onde entrou a mão de Deus. Mas ele reza, todo dia, para agradecer a bênção de ter tido o filho de volta da morte”.

Embora a recuperação do menino só tenha ocorrido graças à ação dos médicos, para a reportagem a ciência se enganou. Há uma tentativa de matizar as interpretações religiosas, quando o pai diz não saber qual o papel da ciência e qual o papel de Deus no acontecimento, mas, dentre as duas, parece ter mais peso a segunda opção, já que não se fala em nenhum momento sobre agradecimentos aos médicos, mas sim a Deus e de



forma a sugerir evidentemente um milagre. *Trazer de volta da morte* não é só uma referência genérica a milagres, é uma referência direta à Bíblia e aos milagres de Cristo.

Considerações finais

STROCKING (1999) afirma que jornalistas são com frequência acusados pelos cientistas de promover certezas ao realizar a divulgação da ciência. Esse, dentre outros fatores, seria o motivo para que cientistas se mostrassem resistentes a cooperar com o trabalho da imprensa ou, em outras palavras, a portar-se como o cientista “torre de marfim” (OLIVEIRA, 2002, p. 49).

Contudo, o que se observa na análise do programa *Fantástico* é um franco favorecimento da fala dos próprios cientistas, num discurso construído, na grande maioria dos casos, em franca consonância com o discurso científico.

Vale lembrar que, para a Análise Crítica do Discurso, nem o jornalismo nem a ciência têm discursos isentos de argumentação e, portanto, de opinião. Avaliando detidamente as matérias relativas ao tema, o que se percebe é que tanto cientistas quanto jornalistas utilizam diversas estratégias para levar o telespectador a aderir a um determinado ponto de vista.

O fato interessante, porém, é verificar que esse ponto de vista é compartilhado por ambos, ou seja, ao contrário do antagonismo esperado, a análise das matérias permitiu identificar uma franca tendência a apresentar a informação científica como unívoca e incontestável.

Com isso, paradoxalmente, aspectos importantes do pensamento científico, como a dúvida e uma postura ativa em busca de explicações se vê prejudicada. Nesse caso, é importante salientar que essa forma de apresentar a ciência é fruto da costura que o programa faz da fala de diferentes atores, dentre eles cientistas que, em muitos momentos, contribuíram para essa característica do programa.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética e criação verbal**. 4^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 476 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10^a. ed. São Paulo: Hucitec e Anna Blume, 2002. 196p.

BUENO, Wilson da Costa. **A política nacional de informação científica e tecnológica**. Revista Comunicação e Sociedade no. 07, p. 39-44, 1982.



- BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990, 229 p.
- CALDAS, Graça. **A Política de C&T, Mídia e Sociedade**. Revista Comunicação e Sociedade no. 30, p. 199-221, 1998.
- CAPOZZOLI, Ulisses. **Cultura científica e cidadania** in OLIVEIRA, Fábíola de. **Jornalismo científico**. 1a. ed. São Paulo: Contexto, 2002, 92 p.
- CORACINI, Maria José. **Uma fazer persuasivo**. Campinas: Pontes, 1991, 212p.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002, 238 p.
- EPSTEIN, Isaac. **A comunicação no universo dos cientistas**. Revista Comunicação e Sociedade no. 30, p. 183-196, 1998.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, 513 p.
- KOCH, Ingdore Vilhaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo. Cortez, 1996.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2000, 244p.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001. 238 p.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994, 208p.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: Um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo. Summus Editorial, 2001, 246 p.
- OLIVEIRA, Fábíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002, 92 p.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Unicamp, 1993, 184p.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 1999, 105p.
- SANTORO, Luiz Fernando. **Televisão e divulgação científica: um espaço para o fantástico**. Revista Comunicação e Sociedade, São Paulo, n. 07, Cortez/CNPq, p 101-106, 1982.
- SANTOS, Boaventura Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 3a. ed. São Paulo: Edições afrontamentos, 1990, 176 p.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre a ciência**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003, 92 p.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **A ciência na televisão: Mito Ritual e Espetáculo**. São Paulo: Anna Blume, 1999 154p.
- STROCKING, Holly. **How journalists deal with scientific uncertainty**. In: FRIEDMAN, S.M, DUNWOODY, S. ROGERS, C. ed. **Communicating Uncertainty: Media Coverage of New and Controversial Science**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.